

A guerra da água, a catástrofe dos dias

A guerra da água, de Manoel Ricardo de Lima

Bruna Carolina Carvalho* 

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Universidade do Porto,
Porto, Portugal

E-mail: brunacarolinadomingues@gmail.com

LIMA, Manoel Ricardo de. *A Guerra da
Água*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.

Massas humanas, gases, forças elétricas foram lan-
çados ao campo aberto, correntes de alta frequência
atravessaram a paisagem, novos astros ergueram-se no
céu, espaço aéreo e profundezas marítimas ferveram
de propulsores, e por toda parte cavaram-se poços
sacrificiais na Mãe Terra.

Walter Benjamin, em *Rua de Mão Única*, sobre a
chamada Grande Guerra.

Editoras-chefe
Anélia Pietrani Correio
Laíse Ribas Bastos
Maria Lucia de Faria Correio

Recebido: 25/06/2023

Aceito: 04/07/2023

Como citar:

CARVALHO, Bruna
Carolina. A guerra da
água, a catástrofe dos dias.
*Revista Fórum de Literatura
Brasileira Contemporânea*,
v.15, n.29, e59367, 2023. doi:
[https://doi.org/10.35520/
flbc.2023.v15n29e59367](https://doi.org/10.35520/flbc.2023.v15n29e59367)

O iugoslavo Darko Suvin, em um de seus estudos em torno da ficção científica, toma de empréstimo o conceito de *novum*, de Ernst Bloch, para estabelecer a diferença entre textos deste gênero e as narrativas fantasiosas ou sobrenaturais. Grosso modo, o *novum* é aquilo que, dentro de nosso horizonte cognoscível, reconhecemos enquanto objetos, fenômenos ou instâncias que, apesar de não existirem e de nunca terem existido, têm a

*Bolsista FCT 2022.1335.BD.

possibilidade de existir. A ficção científica trabalharia, assim, na produção de estranhamentos cognitivos em movimentos pendulares de tensão entre uma realidade familiar e uma outra, alternativa, autônoma, intransitiva, deslocada seja no espaço (pensemos na ilha de Thomas More, na Cocanha, ou em El Dorado), seja no tempo (nas tantas histórias de um futuro utópico, distópico). Tal exercício de criação seria comum tanto ao escritor de ficção científica quanto ao revolucionário político.

A Guerra da Água (2022, Rio de Janeiro, 7Letras), de Manoel Ricardo de Lima, encerra a tetralogia dos Livros de Guerra do autor, e inscreve-se como uma ficção científica na periferia do capitalismo. Em um território marcado pelo colonialismo, pela escravidão, pelo extrativismo, os acertos de contas com o passado não param de advir no presente. O livro apresenta-nos Oito, este que se imagina ser (é?) um “infinito vertical”, “minúsculo corpo humano”, cuja “metade do esqueleto [é] composto por 30% de cromo, 65% de cobalto e 5% de molibdênio = *Vitalium*”, liga que resiste à passagem do tempo.

Fraco e forte, meio sertanejo, meio Wolverine, Oito está à espera da água em uma coroa de areia no leito seco do Rio Parnaíba, no Piauí, e, ali, rememora e imagina aquilo que lera e ouvira: a teoria dos jogos, Esteban Escheverría, a canção entoada pelas lavadeiras do rio, Joaquim Cardozo, Osip Mandelstam, Anaximandro, heróis e vilões da Marvel, Nietzsche, Walter Benjamin, Pier Paolo Pasolini, e tantos outros que vêm ou não vêm à superfície do texto. Aqui lembro os versos de *O Método da Exaustão* (Garupa, 2020), também de Manoel, recuperados de Maurice Blanchot (*La Folie du Jour*): “uma narrativa? não,/nada de narrativas/nunca mais”. De algum modo, *A Guerra da Água* refaz, com Oito, não tanto uma narrativa, mas mais um caderno de anotações de leitura, constrói um romance disperso por meio de anotações das margens, à margem do capital, do centro, do poder.

Em sua leitura dialética para a ficção científica, Suvin correlaciona as estórias (palavra morta) à história, ao modo de produção econômica. O *novum* era produzido por um deslocamento espacial quando o tempo do trabalho se organizava pelos ciclos da agricultura, e os domínios do senhor feudal, apesar de imensos, eram finitos. Mas, no capitalismo, a primazia, antes do espaço, passa a ser do tempo nesses textos. A ruptura epistemológica infligida pelo avanço industrial demandava um outro *locus* de preferência para conformar a infinitude projetada pelo dinheiro em uma realidade alternativa. Era o tempo, ou melhor, o futuro, positivo, progressista, especializado e quantificável do salário, do lucro, das apostas financeiras. Sua contrapartida viria no momento em que a “revolução industrial divorcia-se da democrática” (1979, p. 73) e quando forças políticas fabulam outros possíveis: uma ficção científica anticapitalista, situada nem no espaço, nem no tempo, mas numa variação espaço-temporal, histórica, cujos obstáculos não seriam nem a Natureza transcendental fatalista, nem estariam identificados a uma pessoa, a um indivíduo. Seriam obstáculos, ao mesmo tempo, “supraindividuais, mas não inumanos” (*idem*, p. 75).

Nessa corrente, temos Charles Fourier, socialista utópico citado por Walter Benjamin na Tese XI de “Sobre o conceito de história”, autor de uma ideia de trabalho que, em vez de explorar a natureza em favor da cultura, prefere conviver com a natureza e libertar dela suas forças criativas em latência (Benjamin, 2016, p. 15). Ou ainda Marx e Engels, que, no *Manifesto do Partido Comunista*, com seus evidentes limites, antevêm elementos da sociedade burguesa do século XX e XXI ainda em 1848¹. Escrevem, por exemplo, que “impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte” (2005, p. 44).

Uma outra Tese 11, a de Marx sobre Feuerbach, aparece em *A Guerra da Água*: “se os filósofos interpretam o mundo de maneiras diferentes, há tanto tempo, resta transformá-lo” (2022, p. 75). Essa anotação de leitura é formulada a propósito de sinais no corpo, na ascendência e na terra de Oito que indicam a inauguração da propriedade privada. Trata-se da reescritura da independência do Brasil, essa ficção de história pacificada sob o grito de “Independência ou Morte”, conciliatória, sem povo ou sangue. No romance, há um desvio das margens do Ipiranga para as do rio Jenipapo, na batalha de 1823 que opôs dois mil trabalhadores, vaqueiros e roceiros armados com machados, facões, paus e pedras, ao exército da Coroa portuguesa, representado pelo major Fidié. Mas ao convocar a apagada Batalha do Jenipapo para o interior de *A Guerra da Água* (e ao convocar também lugares, línguas, povos, episódios, pessoas violentamente apagadas), não se pretende tomá-la como a “outra história oficial” – sempre tida como “outra” a partir de um centro branco e colonial, não raro, no Brasil, paulista ou carioca. Há um esforço de deixar a margem à margem, evocar os episódios para logo esquecer-los, dispersá-los, questionar o centro, o poder, não para tomá-lo e renomeá-lo, mas para destruí-lo. Lemos, em dado momento: “Um pequeno lapso de suspensão – como se o tempo parasse, um tempo antes do tempo do mundo, *um futur antérieur*, quando o outro desaparece como *um outro*” (*idem*, p. 91).

Arrisco dizer que o deslocamento espacial em *A Guerra da Água* não funda um outro espaço, o deslocamento temporal não funda uma outra temporalidade, tampouco o deslocamento histórico impõe uma outra cronologia. Depois da guerra de luz nuclear, da guerra biológica, da extinção de espécies de pássaros, do assoreamento completo do rio Parnaíba, de os insetos dobrarem de tamanho; depois (?), Oito encontra um bando de crianças, ou doze seres, doze máquinas de guerra. Uma

¹ Escreve José Paulo Netto sobre o *Manifesto Comunista*: “Seu método de pesquisa, que, em 1848, ainda não estava suficientemente elaborado, apreende e detecta *tendências estruturais*; donde a capacidade de antecipar, no plano teórico, elementos que a realidade imediata estava longe de evidenciar [...] Em 1848, a caracterização que Marx e Engels fazem da sociedade burguesa aparece como um exercício de ficção científica.” (2021, p. 70)

delas é Nonata, essa não-nascida, que “guarda no lugar do coração uma velha lata de doce de goiaba enxertada com fios de cobre e um buraco onde deposita nacos de pólvora para que o órgão não pare de funcionar. [...] é como se desse um tiro lento na altura do peito” (2022, p. 59). Nonata, a uma sonorização fonética de coincidir com “Nonada”, *leitmotiv* musical e enigma de *Grande Sertão: Veredas*, conversa com Oito, ri com Oito. Em um diálogo que vai do nada ao infinito, sem obediência, perguntas ou respostas, em que o que veio antes, o que vem agora o que virá depois, nada disso importa, não são fatos, tampouco têm autores nítidos: “E, agora, Oito e Nonata parecem rir, juntos. Parece que riram, riem, juntos. Parece que podem ter rido, juntos, das coisas todas que talvez tenham dito um a outra, uma ao outro.” (p. 103).

O *novum* de *A Guerra da Água* não constitui exatamente uma realidade alternativa, mas uma contemporânea. E o estranhamento venha talvez de sua tentativa, precária e instável, de dirimir os pontos cegos por meio da montagem anacrônica da história. Dar a ver aquilo que veio e ainda persiste:

Esse é o lance, *as nossas técnicas não têm futuro, apenas passado*. Oito percorre uma série de descrições históricas e pensa nas causas das secas no semiárido e no clima. Contesta os fenômenos físicos e climáticos com as relações sociais e políticas: os que dominam, a pobreza e a alienação da força de trabalho. Exploração, interesses escusos, 3 bancos de fundação familiar escrota, roubo deslavado e escravos a todos os lados, estruturas fundiárias e privatização do uso da água (*idem*, p. 46)

A água, o sol, e o vento, fundamentais para a produção e a reprodução das condições de existência, tornaram-se mercadoria; os últimos oito anos foram os mais quentes já registrados² e, em 2022, 100 milhões de pessoas foram forçadas a se refugiar, a maior parte delas em decorrência não de conflitos, mas de mudanças climáticas³; quase 10% da população mundial passa fome⁴ e o avanço da monocultura da soja, no Brasil, teve nos últimos 20 anos territórios no Maranhão, Tocantins,

² Dado retirado do relatório *Estado do Clima Global*, de 2022, realizado pela Organização Meteorológica Mundial (OMM). Disponível em: <https://public.wmo.int/en/our-mandate/climate/wmo-statement-state-of-global-climate>. Acesso em 25 jun. 2023.

³ Informação fornecida pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) em 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/future/article/20221117-how-borders-might-change-to-cope-with-climate-migration>. Acesso em: 25 jun. 2023.

⁴ Dado obtido no relatório *The State of Food Security and Nutrition in the World*, de 2022, feito pela ONU em parceria com a FAO. Disponível em: https://data.unicef.org/resources/sofi-2022/?_ga=2.223818331.1990527635.1687704867-1543126164.1687704867. Acesso em: 25 jun. 2023.

Piauí e Bahia como seu principal foco, derrubando, em 76 % dos casos, vegetação nativa e destruindo comunidades camponesas, indígenas, quilombolas⁵.

A enumeração poderia prosseguir por parágrafos com relatórios, dados, estatísticas, reportagens, entrevistas, mas o ponto é que a catástrofe ficcionada é a catástrofe dos dias, e os dualismos que separam texto e mundo, história e mito, ficção e realidade são insuficientes – dizemos não confiar nos dualismos, mas raramente escapamos deles. Donna Haraway, em seu *Manifesto Ciborgue*, nos anos 1980, já falava dessa insistência da cultura ocidental com os dualismos, uma vez que são fundamentais para a lógica do poder e da dominação sobre pessoas não brancas, mulheres, trabalhadores, animais, natureza – ou tudo aquele identificado como *o outro, o espelho* do dominante (2020, p. 90).

Oito é um minúsculo corpo humano, é uma máquina. Oito e as doze crianças, talvez retomem o ciborgue de Haraway, essa imagem condensada da imaginação e da realidade material, esse “organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (idem, p. 36). São “reais não existentes” em torno de uma comunidade ciborgue, que nega o modelo da família orgânica, heterossexual, cristã. Uma comunidade em que natureza e cultura não fornecem uma relação de sujeito e objeto e que as fronteiras entre animal/humano/aparato tecnológico já estão mais que transgredidas – a escrita é uma tecnologia, e essa comunidade habita a escrita.

Se a ironia, nos lembra Haraway, aponta para as contradições que não se resolvem em uma totalidade e “tem a ver com a tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras” (idem, p. 35), *A Guerra da Água* vem também como blasfêmia, ironia. Ironia séria e alegre como a que surge na risada alta de Teteo diante da biografia de Oito, na ausência de telhados das casas para os exercícios de equilíbrio e voo, nas respostas de Flande ausentes de opiniões, que podem (e, invariavelmente, vão) fazer tudo piorar. Não é uma saída, nem uma salvação, nem uma transcendência – “deus, esta imprecisão inventada e desagradável como salvação e acerto de contas, mero nome, uma defesa da miséria” (2022, p. 19) –, mas é, quem sabe, *A Guerra da Água* um jogo simultaneamente sério e alegre, entre o tempo, o espaço, a história.

⁵ “MATOPIBA teve 76 % da expansão agrícola sobre vegetação nativa nos últimos cinco anos”. *Revista Globo Rural*, 20 out. 2021. Disponível em: <https://globorural.globo.com/Noticias/Sustentabilidade/noticia/2021/10/matopiba-teve-76-da-expansao-agricola-sobre-vegetacao-nativa-nos-ultimos-5-anos.html>. Acesso em: 25 jun. 2023.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. II.
- BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. Ponta Grossa: Monstro dos Mares, 2020.
- LIMA, Manoel Ricardo de. *A Guerra da Água*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.
- LIMA, Manoel Ricardo de. *O Método da Exaustão*. Rio de Janeiro: Garupa, 2020.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.
- PAULO NETTO, José. *O Manifesto Comunista: limites e grandeza teórico-política*. In: PAULO NETTO, José (org.). *Curso Livre Marx-Engels: A Criação Destruidora*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2015.
- SUVIN, Darko. *Metamorphoses of Science Fiction: On the poetics and history of a literary genre*. New Haven; London: Yale University Press, 1979.